



CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES

GUIDANCE 2013

FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE DANÇA
CONTEMPORÂNEA
INTERNATIONAL
CONTEMPORARY
DANCE
FESTIVAL

FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE DANÇA
CONTEMPORÂNEA
INTERNATIONAL
CONTEMPORARY
DANCE
FESTIVAL

Guimarães recebe, pelo terceiro ano, o GUIDance, um festival internacional de dança contemporânea criado em 2011 com o objetivo de posicionar uma abordagem da dança contemporânea como mais um dos momentos chave da programação do Centro Cultural Vila Flor. Desde a sua primeira edição, o GUIDance visou propor novas práticas, novos modelos de colaboração, novas formas de apresentação e novas formas de apropriação da dança. Pretendeu desafiar os criadores a enquadrarem-se em sistemas de criação e exibição mais porosos, fluidos e eficientes. Esta aposta ganhou dimensão maior em 2012, ano de Capital Europeia da Cultura. Sendo um festival com poucos anos de existência, a Capital Europeia da Cultura permitiu-lhe uma afirmação rápida e uma perspectiva de consolidação crescente.

Este ano, o GUIDance volta a apresentar-se como o primeiro grande evento da programação cultural da responsabilidade d’ A Oficina, um evento que abraça a cidade, fruto da existência de novos espaços de apresentação que resultaram do ano de Capital Europeia da Cultura. Os espetáculos dividem-se, assim, pelos auditórios do Centro Cultural Vila Flor, mas também pela Black Box da Fábrica Asa e do CAAA - Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura. Acompanhado por alguns dos coreógrafos que integram o programa do festival, o GUIDance visita também as escolas secundárias do concelho. Nestas visitas, os jovens estudantes poderão saber mais sobre o percurso destes criadores: descobrir o que os levou a trabalhar na área da dança, como se tornaram coreógrafos e como encaram hoje uma vida dedicada à criação artística. Cabe à Australian Dance Theatre as honras de abertura do festival no Grande Auditório do CCVF. A conceituada companhia australiana regressa, assim, ao GUIDance depois de ter sido também responsável pelo espetáculo de abertura da 1ª edição. O acompanhamento do percurso artístico das companhias e dos coreógrafos, bem como o apoio à criação artística e à coprodução, assumem-se, de forma reiterada, como pedras basilares da programação GUIDance. Por isso, para além do regresso da Australian Dance Theatre, também a coreógrafa japonesa Kaori Ito volta a marcar presença no GUIDance, assim como Olga Roriz e Victor Hugo Pontes que foi convidado a apresentar novamente “A Ballet Story”, uma criação que teve estreia mundial na edição do ano passado e que foi considerada melhor espetáculo de dança de 2012, pelo jornal Expresso, e espetáculo de dança do ano, pelo jornal Público. Porque há obras excecionais que merecem ser repetidas. Porque de obras excecionais se faz o GUIDance. Porque companhias e criadores nacionais e internacionais convivem num programa que celebra, acima de tudo, a dança contemporânea enquanto expressão artística capaz de despertar as mais inúmeras emoções. José Bastos

GUIDANCE

Guimarães is proud to receive, for its third year running, an international contemporary dance festival begun in 2011 with its objective being the desire to focus one of the key moments of the Vila Flor Cultural Center's annual programming calendar on contemporary dance. Since its inaugural year, GUIDance has strived to put into place new practices, new models for collaboration, new performance types, and new ways to engage dance. It has challenged choreographers and artists to fit into creative performance frameworks that are more porous, more fluid and more efficient. This proposal took on an even greater dimension in 2012 when Guimarães was honored as the European Capital of Culture. As a dance festival having begun only a few years ago, GUIDance nevertheless benefitted from the European Capital of Culture, gaining increasing and widespread exposure. This year, GUIDance returns, presenting this grand event whose cultural programming falls to The Oficina and which embraces the city, enjoying the opening of new performance spaces as a result of the 2012 European Capital of Culture. The performances will be held at various venues: the traditional home, at the Vila Flor Cultural Center, as well as the Black Box at the Fábrica ASA, and finally the CAAA – Center for Art and Architecture Affairs. The choreographers featured at GUIDance will use the festival as a way to be able to visit the local high schools in the county, where young people will learn more about the artistic paths taken by these performers, discovering what led them to choose dance, how they became choreographers, and how they live their lives dedicated to creative endeavors in the realm of the arts.

The Australian Dance Theatre will receive the honors of the Opening Performance at the festival, with their show at the Grand Auditorium at Vila Flor. This prominent Australian company returns to GUIDance and repeats the opening performance, just as they did for the 1st edition of the Festival, and indeed it is one of the keystone elements at GUIDance to follow the artistic paths taken by the companies and choreographers appearing previously at the festival, inviting them back as a way to support their artistic activities and co-produce their shows. Thus, in addition to the return of the Australian Dance Theatre, we are also pleased to welcome the Japanese choreographer, Kaori Ito, who also returns to GUIDance, as well as Olga Roriz and Victor Hugo Pontes, whom we have asked to repeat his performance of “A Ballet Story,” a show which had its world premiere at last year's festival and which was considered the Best Dance Performance of 2012 by the weekly newspaper, *Expresso*, and the Best Dance Show by the daily, *Público*. Why is this being done? Because, indeed, there are exceptional works which deserve to be seen a second time. Because exceptional work is always being performed at GUIDance. Because Portuguese and international companies and performers are coming here together to celebrate, above all, contemporary dance as an artistic expression able to stir the greatest number of emotions. José Bastos

GUIDANCE 2013

PROGRAMA PROGRAMME

QUARTA WEDNESDAY 13 | 22H00

PROXIMITY

AUSTRALIAN DANCE THEATRE
GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF
12,50 eur / 10,00 eur c/ desconto

QUINTA THURSDAY 14 | 22H00

altered natives' Say Yes To Another Excess – TWERK

FRANÇOIS CHAIGNAUD E CECILIA
BENGOLEA
BLACK BOX DA FÁBRICA ASA
10,00 eur / 7,50 eur c/ desconto

QUINTA THURSDAY 14 | 15H00

SEXTA FRIDAY 15 | 22H00

O PESO DE UMA SEMENTE

MARINA NABAIS
PEQUENO AUDITÓRIO DO CCVF
2,00 eur (dia 14) / 5,00 eur (dia 15)

SÁBADO SATURDAY 16 | 22H00

O REVERSO DAS PALAVRAS

TÂNIA CARVALHO
GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF
12,50 eur / 10,00 eur c/ desconto

QUARTA WEDNESDAY 20 | 22H00

SEXTA FRIDAY 22

E SÁBADO SATURDAY 23 | 24H00

REGINA - THE RITUAL WEDDING

ÚTERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL
CAAA - CENTRO PARA OS ASSUNTOS
DA ARTE E ARQUITETURA
5,00 eur / 3,00 eur c/ desconto

QUINTA THURSDAY 21 | 22H00

A CIDADE

OLGA RORIZ
GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF
12,50 eur / 10,00 eur c/ desconto

SEXTA FRIDAY 22 | 22H00

SOLOS

KAORI ITO
PEQUENO AUDITÓRIO DO CCVF
10,00 eur / 7,50 eur c/ desconto

SÁBADO SATURDAY 23 | 22H00

A BALLET STORY

VICTOR HUGO PONTES
GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF
12,50 eur / 10,00 eur c/ desconto

ATIVIDADES PARALELAS

TERÇA TUESDAY 12 | 17H00-20H30
**ENSAIO ABERTO "PROXIMITY" E WORKSHOP
COM A AUSTRALIAN DANCE THEATRE**
"PROXIMITY" OPEN REHEARSAL AND
WORKSHOP WITH AUSTRALIAN DANCE THEATRE
GRANDE AUDITÓRIO E SALA DE ENSAIOS
DO CCVF

DURANTE O FESTIVAL DURING THE FESTIVAL
EMBAIXADORES DA DANÇA
AMBASSADORS OF DANCE
ESCOLAS SECUNDÁRIAS DO CONCELHO
DE GUIMARÃES

Preços com desconto (c/d)
Cartão Municipal de Idoso,
Reformados e Maiores de 65 anos
Cartão Municipal das Pessoas
com Deficiência; Deficientes e
Acompanhante; Cartão Jovem
Municipal; Cartão Jovem,
Menores de 30 anos e Estudantes;
Cartão Quadrilátero Cultural_
desconto 50%

VENDA DE BILHETES
Centro Cultural Vila Flor
Plataforma das Artes
e da Criatividade
Lojas Fnac
El Corte Inglés
Entidades Aderentes
da Bilheteira Online
Site www.ccvf.pt



No Jornal do GUIDance 2013
existem QR Codes.
O que são os QR Codes?
São códigos de barra
bidimensionais que podem ser
lidos "tirando uma fotografia"
com o telemóvel e descodificados
com um software gratuito. Os QR
Codes podem conter links para
páginas na internet, contactos
telefónicos e moradas, ou outra
informação escrita.

Ao utilizar esta tecnologia
existente no Jornal do GUIDance,
poderá visualizar vídeos alusivos
aos espetáculos do festival, assim
como aceder à bilheteira online
do CCVF, através da qual poderá
adquirir os bilhetes para os
espetáculos de uma forma simples
e rápida, em qualquer lugar e
quando lhe for mais conveniente.

Como ler um QR Code?
Para ler um QR Code, aponte
a máquina fotográfica do seu
telemóvel e acione a captura
do código. Os telemóveis mais
modernos já vêm com o software
de descodificação de QR Codes.
Se este não é o seu caso, consulte
uma das seguintes páginas
abaixo indicadas e instale o
software necessário.

reader.kaywa.com
www.i-nigma.mobi
www.qrstuff.com

A inspiração de Garry Stewart - responsável pela conceção de *Proximity* - é sustentada por aturadas leituras e reflexões. Há sempre um suporte concetual que está na base das suas criações artísticas. Quando não encontra as respostas que pretende, recorre a especialistas que o auxiliam na compreensão do que se propõe trabalhar. O coreógrafo(-investigador) australiano, que há 15 anos ocupa o cargo de diretor artístico da Australian Dance Theatre (ADT), tem mostrado apetência pelas criações que fundem tecnologia e dança - de que *Held*, de 2004, é exemplo -, mas não deixa de refletir sobre questões mais basilares e filosóficas como a identidade e o movimento do corpo - como atesta *Be Your Self*, peça apresentada na edição de 2011 (e primeira) deste festival.

Proximity é dominada visualmente por três grandes ecrãs da autoria de Thomas Pachoud. Captada por câmaras que lançam um “olhar” por todo o palco, a ação ganha uma nova e poderosa dimensão, vendo-se amplificada por uma componente tecnológica que lhe confere multidimensionalidade e que acrescenta uma camada de perceção mais próxima e intimista. A performance em palco e a manipulação de vídeo em tempo real disputam a atenção do espetador. O vídeo opera a dois níveis. Um primeiro constituído pela captura do movimento dos bailarinos (câmaras fixas e câmaras

DO PLURAL NASCE O SINGULAR. DO INFINDÁVEL
O INFINITESIMAL.

FROM THE PLURAL IS BORN THE SINGULAR. FROM THE
ENDLESS IS THE INFINITESIMAL.

PROXIMITY

AUSTRALIAN DANCE THEATRE

QUARTA 13 | 22H00 | GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF



© Chris Herrick

transportadas por cada um dos nove bailarinos filmam os movimentos em palco) e um segundo que se alimenta de um *set* de imagens, desenhado pelo engenheiro de vídeo francês, em tempo real. Thomas Pachoud cria caleidoscópios, teias e fantasmas a partir da matéria cénica, e tudo num novo e imaginado universo. *Proximity* coloca-nos perante a evidência do movimento (físico) teatralizado, estruturado com base numa semântica de natureza mais orgânica - e sincronizada - do que coreográfica; coloca-nos face a questões de natureza filosófica: a natureza da perceção, o *self* e a identidade; coloca-nos em confronto com a pluralidade e as implicações neurológicas que uma interação entre o *eu* e o *outro* despoletam. Com um score musical dominado pela música eletrónica, criado por Huey Benjamin - e que se afasta do estilo de forte batida característico das cria-

ções da ADT -, *Proximity* é o ponto de convergência entre as preocupações concetuais que emergem de *Held* e *Be Your Self*. Sendo a sua natureza estética radicalmente diferente, o que resulta de *Proximity* só pode ser um nexos entre as questões de fundo que Stewart pretende ver respondidas e, seguramente, um novo território criativo no trabalho do coreógrafo australiano. Se, no palco, a nossa visão inicial incide sobre o quadro geral e completo que nos é oferecido - tudo está presente em simultâneo e é a partir desse quadro geral que decidimos a que, ou a quem, prestar atenção -, é no ecrã que tomamos consciência de um processo de interpretação em curso. É lá o local onde, a partir de uma determinada realidade cénica, a história se multiplica e a experiência é (re)criada. É lá onde o pormenor perdido na distância se revela ao espetador: do plural nasce o singular, do infindável o infinitesimal.

The inspiration which moves Garry Stewart – the man responsible for creating *Proximity* – is sustained by the limitless energy he has for reading and reflecting. There is always a conceptual support underlying his artistic creations. When he comes up without the answers which he is aiming to find, he seeks out specialists who assist him in understanding what material is best to delve into. This Australian choreographer (and researcher), who over the last 15 years has served as the Artistic Director of the Australian Dance Theater (ADT), has displayed an appetite for creative work based on technology and dance (of which *Held* from 2004 is an example) yet does not shun reflection upon more basic and philosophical questions, such as



e Chris Herréda

Criado e dirigido por **Garry Stewart** | Diretora artística associada **Elizabeth Old** | Coreografia **Garry Stewart com os bailarinos da ADT*** | Composição da música **Huey Benjamin** (música de cena **Brendan Woithe - colony nof**) | Desenho de luz **Mark Pennington** | Artista e engenheiro de vídeo **Thomas Pachoud, com o apoio de didascalie.net** | Consultor de design **Geoff Cobham** | Figurinista **Gaëlle Mellis** | Diretor técnico e tour manager **Paul Cowley** | Dramaturgo **Anne Thompson** | Instrutor de break dance **Poe One** | Diretor de cinematografia com câmara lenta **Malcolm Ludgate ACS - Sea Films Pty. Ltd.** | Consultor de neurobiologia **Professor Ian Gibbins** | Texto **Garry Stewart e o professor Ian Gibbins** | Artista gráfico **Slade Smith** | Coordenador técnico europeu **Pascal Baxter (La Cellule)** | Gestor da companhia **Beth Whiting** | Diretor de cena e coordenador de produção **Lucie Balsamo** | Diretor de iluminação **Marko Respondeck** | Diretor de som e vídeo **Oliver Taylor** | Diretor de cenografia **Lachlan Turner** | Diretor de transporte **René Maas (Pieter Smit)** | Bailarinos **Zoë Dunwoodie, Scott Ewen, Amber Haines, Jessica Hesketh, Samantha Hines, Daniel Jaber, Kyle Page, Matte Roffe, Kimball Wong** | Proximity foi coproduzido por **Grand Théâtre de la Ville de Luxembourg, Le Rive Gauche Centre Culturel de Saint-Etienne-du-Rouvray, e pelo fundo Arts SA's Major Commission** | Australian Dance Theatre é apoiada por **Governo da Austrália do Sul através de Art SA e Governo Australiano através do Conselho da Austrália e o seu órgão consultivo e de financiamento das artes**. A tournée europeia de 2013 é generosamente apoiada pelo **Departamento dos Negócios Estrangeiros e Comércio através do Australia International Cultural Council (AICC)**

A ADT agradece o apoio de **Beach Energy**

*Elenco Original **Scott Ewen, Amber Haines, Jessica Hesketh, Daniel Jaber, Tim Ohl, Kyle Page, Tara Soh, Kialea-Nadine Williams e Kimball Wong**

Australian Dance Theatre
Diretor artístico **Garry Stewart** | Diretor executivo **Julianne Pierce** | Diretora artística associada **Elizabeth Old** | Gestor financeiro e secretário da companhia **Peter Hartley** | Gestor de produção e operações **Paul Cowley** | Coordenador de comunicações e marketing **Julia George** | Gestor de escritório **Wendy Hockings** | Desenvolvimento de negócios **Sue Arlidge** | Desenvolvimento de negócios **Filantropia - Nikki Hamdorf** | Coordenador de aulas de dança **Bec Bainger** | Consultor Fisioterapeuta/Fisiologista **Michael Heynen** | Fotógrafo **Chris Herzfeld (Camlight Productions)** | Agente europeu **Frans Brood Productions / www.fransbrood.com** | Agente asiático **Asia Theatricals / www.asiatheatricals.com** | Australian Dance Theatre Board **Linda Bowes (presidente), Bell Fraser, Boehm Kim, Tooher Christopher, Debbie Pettitt (principlante)**

Duração 60 min. s/ intervalo
Maiores de 12 anos

identity and the movement of the body, as was seen in the show *Be Your Self*, performed in 2011, the inaugural year here at GUIDance.

Proximity is dominated visually by three large screens done by Thomas Pachoud. The action, which is captured by cameras that are “glancing about” all over the stage, takes on a new and powerful dimension as it is magnified by this technological component, giving it multi-dimensionality and adding a layer of perception that is nearer and more intimate. The live performance on stage and the manipulation of the real-time video images vie for the audience's attention. The video operates on two levels: the first focuses on the dancers' movements (filmed on stage by both fixed cameras and an individual one held by each of the nine dancers), while the second is driven by a set of real-time images designed by Pachoud, a video engineer hailing from France. Thomas Pachoud creates kaleidoscopes, webs and spectral images from the scenic material, and all in a new and imagined universe.

Proximity places us before the evidence of (physical) movement that is theatricalized and structured, with its basis in semantics whose nature is more organic and synchronized than choreographic. It places us before questions of a philosophical nature: the nature of perception, the self and identity. It puts us face-to-face with plurality and the neurological implications sparked by the interaction between the self and the other.

With a musical score of predominantly electronic music composed by Huey Benjamin, in and of itself a marked change from the strong beat so characteristic of ADT creations, *Proximity* is a converging point for conceptual concerns emerging from *Held* and *Be Your Self*. With *Proximity's* radically different aesthetic nature, what comes forth can only be deemed as the nexus of the fundamental questions which Stewart hopes to see answered, and surely a new creative ground opening up for this Australian choreographer.

If our initial viewing of the goings-on on stage corresponds with the overall and complete framework of what is being presented to us – everything that is simultaneously present and that framework which is nudging our attention to a given person(s) or thing(s) – then it is on the projection screens which we become aware of the performance process. This is the place where the story, starting off from a certain stage reality, is multiplied and experience is (re)created. It is here where the detail lost in the distance is revealed to the audience: the plural is born of the singular, from the endless is the infinitesimal.

altered natives' Say Yes To

Another Excess

— TWERK

**FRANÇOIS CHAIGNAUD
E CECILIA BENGOLEA**

QUINTA 14 | 22H00 | BLACK BOX DA FÁBRICA ASA

e Emile Zeig

SHALL WE TWERK?

Twerk, em gíria urbana, significa “trabalhar o corpo como na dança, em especial as nádegas”. É também uma nova dança, de origem africana, que é moda nos clubes de Nova Iorque. Este é o ponto de partida para uma peça que pretende tratar a dança como representação “abstrata”, como simples expressividade e poética, de teor pré-consciente e discursivo. Cecília Bengolea e François Chaignaud são os criadores de um trabalho que se inspira em danças populares, ritmos que se cruzam em clubes - de Londres a Nova Iorque - transformados em lugares de pesquisa e investigação. Hip hop, house, dancehall, kump, ballet.....Reggae, drum&bass, garage, jungle, Grime.... Uma performance que assenta na partilha de um objetivo único: a dan-

In urban slang, *to twerk* means “to work the body as in dance, with special focus on working the buttocks.” It is also a new dance with African origins that is all the rage in New York. This is the stepping off point for a piece which seeks to treat dance as an “abstract” representations as simple expressiveness and poetics, of a pre-aware and discursive nature. Cecília Bengolea and François Chaignaud have created the work, inspired by the popular dance and rhythms seen in the clubs of London and New York, now being transformed into places to go to do artistic research. Hip hop, house, dancehall, krump, ballet.....reggae, drum & bass, garage, jungle, grime.... A per-

ça determina o momento. Não há conceito que a suporte. “Penso que a dança é digna de falar por si própria. Não a pretendo utilizar para falar de um tema inteligente”, diz François Chaignaud. Em palco, cinco bailarinos interpretam uma coreografia estudada, contudo desenfreada. Uma dança de apelo direto que se introduz nos corpos, acrobática e coletiva, que enlouquece e surpreende. A música alterna entre estilos, comandada pelos DJs Elijah e Skilliam. Há jogo de luz e ritmo, como se o clube fosse, de certa forma, transportado para cena. Nela podemos ver técnicas que vão da dança clássica a Marta Graham. Apenas uma preocupação: são as texturas musicais que impulsionam os corpos.

formance based on the sharing of a single goal: dance determines the moment. There is no one concept supporting it. “I think that dance is worthy enough to speak for itself. I don’t intend to use it to speak about lofty themes,” said François Chaignaud. On stage, five dancers will perform choreography that is well-studied yet unhindered. The dance calls out directly, it penetrates the body, acrobatic and collective, goes mad and surprises. The music alternates amongst styles, led by DJs Elijah and Skilliam. There is interplay of light and rhythm, as if to a certain extent

Twerk tem no centro do processo a dança. No seu interior, o sexo. Nos clubes do Bronx a obsessão é a modelação de um gesto que resulta de um salto que projeta o corpo. Depois, o corpo assenta sobre os membros inferiores, o mais abertos possível. Chama-se *split and jump*. É praticado desde o alto das escadas - ou de outros pontos - até terminar em cima de alguém ou num qualquer canto do clube. O movimento é decomposto em todos os espaços possíveis, acompanhado por ritmos endiabrados. As fortes conotações pornográficas estiveram presentes, em 2004, de forma ainda mais explícita no trabalho deste coletivo de bailarinos. Foi em *Pâquerette*, uma performance que, para além da coreografia, utilizava acessórios sexuais. Agora, mais do que uma nudez que há muito deixara de ser velada, trata-se de mostrar o interdito, sem que para tal seja necessária qualquer justificação.

Poder-se-á pensar que *Twerk* é a simples transposição da pista de dança para o palco. Não há uma transposição literal, antes uma preocupação em tornar a expressividade do movimento um ato de cumplicidade. Segundo François Chaignaud, a questão que se coloca no seu trabalho é que relação criar com o público para tornar determinado gesto ou determinada peça visível, perceptível, significante.

Como inventar danças “abstratas”, no sentido em que nada comunicam? É este o desafio que se coloca a Cecília Bengolea e François Chaignaud em *Twerk*. A combinação de gestos de valor explicitamente sexual e virtuoso que mais não pretendem do que colocar em cena certos gestos que os dispositivos de poder - simbólicos, culturais e socioeconómicos - excluem. *Shall we twerk?*



© Emilia Zelig

a club atmosphere has been brought to the stage. We can see technique that range from classic dance to Martha Graham. There is only one concern: it’s the musical textures which drive the bodies.

Twerk has dance at the center of the process. Inside is sex. At clubs in the Bronx, the obsession is the modeling of a gesture which results from a leap that projects the body. Then, the body comes to rest on its lower limbs, opened as widely as possible. This is called the *split and jump*. It is practiced from the tops of stairs, or from other places, until ending up on top of someone or in some corner of the club. Movement is decomposed in all possible spaces, accompanied by frenzied rhythms. The dance group’s 2004 performance of *Pâquerette* featured strong pornographic connotations, namely the use of adult sex toys on stage in addition to the risqué choreography, and now, more than just nudity, the present show will deal with the forbidden, without there being any justification necessary.

It might be said that *Twerk* is just a show that simply brings the dance floor to the stage. There is no literal transposing of a real dance floor, rather the focus on turning the expressivity of movement into an act of complicity. According to François Chaignaud, the question to be put to his work is about the type of relationship to be created with the audience in order to make a certain gesture or certain piece more visible, perceptible and meaningful.

How to invent “abstract” dances given that they communicate nothing? This is the challenge placed before Cecília Bengolea and François Chaignaud in *Twerk*. This is a combination of explicitly sexual and virtuosic movements which intend only to put certain gestures on stage which the machinery of power – symbolically, culturally and socio-economically speaking – excludes. *Shall we twerk?*



Criado por **Cecília Bengolea e François Chaignaud**
Interpretação **Élisa Yvelin, Alex Mugler, Ana Pi, Cecília Bengolea e François Chaignaud** | Música **DJ Elijah, DJ Skilliam** (Butterz, London – UK)
Desenho de Luz **Sindy Négoce, Jean-Marc Segalen, Cecília Bengolea e François Chaignaud** | Figurinos **Cecília Bengolea e François Chaignaud** | Produção/ administração **Cécile Vermorel** | Difusão **Sarah de Ganck / Art Happens** | Assessor-consultor **Alexandre Roccoli** | Conselheiro musical **Miguel Cullen**
Agradecimentos a **Elisabeth Schwartz, Warren, Mike, Sarah Chaumette, Alexandre Paulikevitch, Blazin Twins, Boot Dance Camp, Marie-Thérèse Allier, Frédéric Perouchine, Courtney Juicy Couture, Laurent Vinauger** | Produzido por **Vlovajob Pru** | Coproduzido por **Biennale de la danse de Lyon, Les Spectacles Vivants – Centre Pompidou (Paris), Festival d’Automne à Paris, Centre de Développement Chorégraphique Toulouse/Midi-Pyrénées, Centre Chorégraphique National de Franche-Comté à Belfort, Centre Chorégraphique National de Grenoble, Le Vivat d’Armentières – Scène conventionnée danse et théâtre, Centre Chorégraphique National de Caen/Basse-Normandie** | Produção financiada por **Arcadi, Chez Bushwick - NYC (development residence), FUSED: French U.S. Exchange in Dance, um programa de New England Foundation for the Arts’ National Dance Project, Cultural Services of the French Embassy in the United States, e FACE (French American Cultural Exchange), com financiamento de Doris Duke Charitable Foundation e de Florence Gould Foundation** | Com o apoio de **La Ménagerie de Verre (Paris)** | Vlovajob Pru é financiado por **DRAC Poitou-Charentes** e é apoiado pelo **Institut Français** para os projetos no exterior | **Cecília Bengolea e François Chaignaud** são artistas associados de **La Ménagerie de Verre (Paris)**

Duração 50 min. s/ intervalo
Maiores de 16 anos



© Emilia Zelig

"Se numa balança dois pesos se equilibram estagnando, o que os fará mover? O peso de uma semente. Ela encerra em si o potencial, a origem e a reprodução da vida. É o princípio de todo o movimento. Com a medida certa de esforço, esse peso – medido em apenas miligramas – recai sobre a terra e transforma-se em vida e forma, ao longo do tempo". *Marina Nabais*

Poderá existir movimento sem esforço? O que acontece se nada fizermos? Não será esse impulso interior a única forma de combater a inércia dos corpos?

Numa primeira análise, pensar-se-á como correlativo de esforço o seu resultado. Somos levados a pensar que uma quantidade grande de esforço gera uma grande quantidade de movimento. Tomemos este pressuposto como metáfora da vida: obtém-se mais com mais esforço e quanto mais nos esforçamos maior é a recompensa que recebemos. Tem sido assim numa sociedade que luta incessantemente pelos seus valores materiais, dedicando-se a horas consecutivas de energia despendida. A busca do conforto, a acumulação, a mais-valia. A procura por cada vez mais, pela satisfação que transborda, que escorre em doses desmedidas de insalubridade. Em quantas partes cabe o desperdício? Quanto deste esforço é também ele esforço? Que paradoxo é este que gera o quê?

Ao contrário, esta peça, a partir de uma nova poética do esforço, amplia as possibilidades do movimento: peso, tempo, espaço e fluxo reconfiguram-se a partir de novas explorações somáticas. O contacto prolonga a ação, a gravidade gera ímpeto, a deslocação reeduca-se, o *momentum* potencializa o gesto. Com base na materialidade que nos enforma, novas estéticas têm em consideração a sua propriocepção e anatomia. O corpo deixa-se cair e é junto à terra que se transporta dócil. É na terra que a semente se transforma “em vida e forma, ao longo do tempo”.

O *Peso de uma Semente*, de Marina Nabais, é a dança como metáfora de vida onde o esforço não mais é desmedido. Vida que prescinde de uma herança “pesada” e “volumosa”. A leveza levada à sua mais alta potência, da natureza da contem-

O PESO

JUNTO À TERRA, O CORPO
TRANSPORTA-SE DÓCIL
DOWN ON THE GROUND, THE
BODY IS SENT OFF, DOCILE

MARINA NABAIS

QUINTA 14 | 15H00 | SEXTA 15 | 22H00 | PEQUENO AUDITÓRIO DO CCVF

plação e do equilíbrio. Uma obra “... que parte da depuração do espaço do corpo, do espaço sonoro e do espaço cénico para explorar o paradoxo entre esforço e inércia”. Criado numa colaboração estreita entre diferentes linguagens e artistas, o espetáculo desenvolve-se em dois momentos: um prólogo, criado e protagonizado por um grupo de jovens da região norte - uns na interpretação, outros na conceção e confeção dos figurinos (o que é que os seus corpos têm a dizer sobre a temática?), e um solo de dança, interpretado pela própria coreógrafa.

Da semente nasce a vida, e com ela o movimento.

“If two people are perfectly balanced on a seesaw, what might make them move?” *The weight of a seed. A seed in and of itself embodies the notion of potential, origin, and the reproduction of life. It is the principle of all movement. With the right amount of force, this weight – measured in mere milligrams – falls to the ground and becomes transformed into life and shape over time.” Marina Nabais* Is there such a thing as movement without force? What happens if we do nothing? Might this internal impulse be the only way to do battle with the inertia of the body?

At first analysis, the answer might be thought to come from a correlative of force and its result. We are led to believe that a great amount of force generates a great amount of movement. We take this presupposition as a metaphor for life: you obtain more with more effort, and the more we exert ourselves the greater the reward we receive. This has been the case in a society which struggles continuously to obtain material things, dedicating hours on end and all types of energy in the search for comfort, the accumulation of goods and things of worth. It is the ever increasing search for overflowing satisfaction, doled out in heaping, unhealthy doses. How much

UMA



e Silva Magalhães

DE

waste will there be? How much of this effort is also an effort in itself? What type of paradox is generating what?

To the contrary, this piece takes off from the new poetics of effort and broadens the possibilities for movement: weight, time, space, and flow are reconfigured out of new somatic explorations. Contact prolongs the action, gravity generates the impetus, moving about finds new learning, the momentum gives new potential to gesture. Based on the materiality which shapes us, new aesthetics take into consideration the notions of stance and balance, and anatomy. The body allows itself to fall and it is when lying on the ground that it is sent off, docile. It is in the ground that the seed is transformed “in life and in shape, over time.”

The Weight of a Seed, by Marina Nabais, is dance as a metaphor for life where effort is no longer doled out unmeasured. Life dispenses with its “weighty” and “volu-



e Sandra Barros

Direção Artística, Coreografia e Interpretação **Marina Nabais** | Acompanhamento **Silvia Magalhães** | Espaço Sonoro **Simão Costa**
Interpretação do prólogo **Anabela Velloso, Bruna Martins, Helena Freire, João Abreu, Laura Marques e Marta Ferreira** | Cenários e Figurinos **Marta Carreiras** | Figurinos do prólogo **Marta Carreiras com Turma do 11º ano do Curso Técnico de Design de Moda – Escola Profissional Cenatex** | Desenho de luz **Cláudia Rodrigues**
Dramaturgia **Manuela Pedroso** | Consultoria Artística **Luca Aprea** | Imagem **Diogo de Calle** | Produção **A menina dos meus olhos, associação cultural** | Coprodução **Centro Cultural Vila Flor, Teatro Maria Matos** | Agradecimentos **Ágata Madillo, Catarina Alfaia, Lia Marques, Judite Dias, Tânia Fontinha**

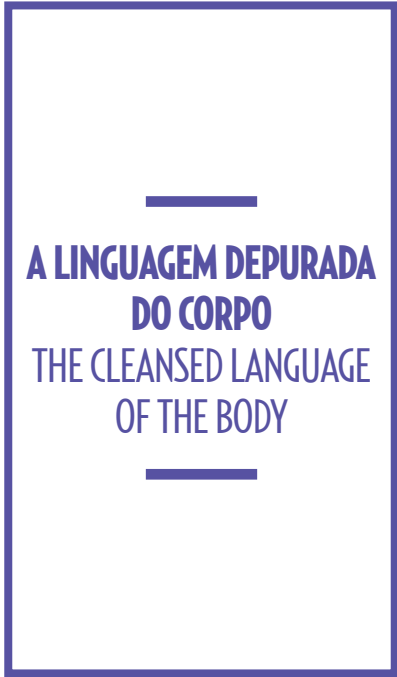
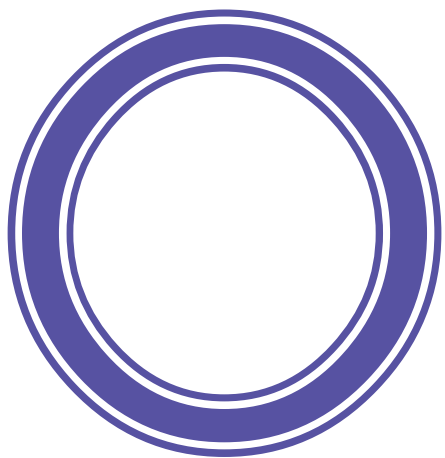
Duração 60 min. s/intervalo
Maiores de 12 anos

minous” inheritance. Lightness is raised to its highest potential for the nature of contemplation and equilibrium. This is a work which “takes off from a cleansing of the body space, the sound space, and the stage space in order to explore the paradox between effort and inertia.” Resulting from multiple artistic interchanging, the performance unfolds in two parts: a prologue, a group piece resulting from artist-in-residence sessions held with teenagers (what might their bodies have to say about the topic?), and a dance solo, starred by the choreographer herself. Life is born from a seed, and with it, movement.

Éa partir do pós-minimalismo musical da norte-americana Julia Wolfe que Tânia Carvalho desenvolve o seu trabalho em *O Reverso das Palavras*. Uma ideia base que prescinde da gramática verbal, como gosta a coreógrafa: “... as palavras só me limitam e bloqueiam”.

O pensamento é feito por movimentos, intensidades do corpo, ritmos, pausas, figuras e atmosferas. Atmosferas que buscam inspiração nos sons de LAD, a composição para um *ensemble* de gaitas de foles que Julia Wolfe depura com uma simplicidade inquietante. E dessa simplicidade nasce a expressão corporal como linguagem que prescinde do vocábulo. O corpo como ferramenta de comunicação. Não como produtor de gestos estritamente utilitários, mas como corpo que sente e vive. Uma força psicossomática geradora de energia criadora, que se realimenta, produzindo novas formas, novos conteúdos e um novo discurso.

A atitude sensível e criativa do corpo - que dialoga dentro e fora do indivíduo - adquire um valor semântico que compromete a totalidade do ser humano. Há intenção no movimento. Há pen-



TÂNIA CARVALHO

SÁBADO 16 | 22H00 | GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF



DAS PALAVRAS

samento e desejo. Como a palavra que reside em pensamento e em discurso, na mente e no ato que a produz, o movimento habita os dois lados da pele: o interno e o externo, o pouco visível e o observável. Como há um tempo próprio para a palavra - um tom, uma frase, um acento, uma cadência -, também há um tempo próprio para o corpo. Aqui, é o estímulo sonoro que o enriquece e o movimento que o sustenta, no espaço. Manifestação de sentido sem complicadas elaborações conceptuais. Estará o corpo mais perto da emoção do que a palavra? Quanto de raciocínio existe na palavra pensada, no código que a suporta, que tem lugar no movimento? Em *O Reverso das Palavras*, Tânia Carvalho cria uma peça de dança sem o barulho das palavras. A gesticulação como primitiva forma de comunicação.

Emoção que as palavras não podem comunicar. Pensamento sem palavra. Imagens que se acumulam gradualmente, configurando uma forma específica, uma linha de evolução. É que antes da palavra existe o movimento. Ele é inerente a todo o ser vivo e a sua expressão corporal tende a resgatar uma linguagem individual nos seus mais pequenos detalhes. Através dele, manifesta-se a sua idiossincrasia. Porquê relegar o corpo para um plano inferior, desprovido de importância semântica e comunicacional? Não estará o movimento mais próximo da liberdade? *O Reverso das Palavras* é a natureza, a sequência do movimento. O outro lado das palavras: não o que elas escondem atrás de si, mas o instante em que deixam de estar presentes para darem lugar à expressão.

The post-minimalist musical by the American, Julie Wolfe, is where Tânia Carvalho has taken her inspiration for her performance of *The Reverse of Words*, an idea which dispenses with verbal grammar, since “...words only limit me and block my way,” to quote the choreographer. Thought is made up of movements, the different intensities of the body, rhythm, pauses, shapes, and environments. These are environments that seek their inspiration in the sounds of LAD, a composition for a group of bagpipe players, which Julia Wolfe raises to perfection with worrisome simplicity. And it is in this simplicity that the expression of the body is born as a language which does away with words. The body is a tool for communication, not as the producer of strictly utilitarian gestures but as the body which feels and lives. It is a psychic-physical force generating creative energy which feeds itself, producing new shapes, new content, and new discourse.



Direção e coreografia **Tânia Carvalho**
Música **Julia Wolfe (LAD, solo bagpipe e audio playback)** | Interpretação **Tânia Carvalho, Luís Guerra e Marlene Monteiro Freitas** | Músico **Jean Blanchard** | Desenho de Luz **Zeca Iglésias**
Figurinos **Aleksandar Protic** | Residência Artística **Les Subsistances (Lyon)** e **CCNR (Rillieux-la-Pape)** | Produção e Difusão **Sofia Matos**
Produção **Bomba Suicida** | Coprodução **Les Subsistances (Lyon)** | Apoios **Centro Cultural de Belém, Alcantara (Lisboa)** e **Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Educação**

Duração 45 min. aprox. s/intervalo
Maiores de 12 anos

e Direitos Reservados

The sensitive and creative attitudes of the body – which are in dialogue inside and outside the individual – take on semantic value which brings in the totality of the human being. There is intention in movement. There is thought and desire. Just as the word resides in thought and discourse, in the mind and in the act which produces the word, so the movement inhabits both sides of the skin: the internal and the external, that which is barely visible and observable. Just as there is a right time for the word – a tone, a sentence, an accent, a cadence – so too is there a right time for the body. Here, it is the sound stimulus which enriches and the movement which sustains it in space. Might the body be closer to the emotions than the word? How much rationality exists in the word that is thought out, in the code that supports it and that has its place in movement?

In *The Reverse of Words*, Tânia Carvalho has created a dance piece without the noise of words. Gesturing as a primitive form of communication. Emotions that words cannot communicate. Thought without words. Images which accumulate gradually, taking on a specific shape along an evolutionary line. Before the word, there existed movement. Movement is inherent to all living things and each one's bodily expression tends to preserve an individual language in its smallest and slightest details. And through it, idiosyncrasies manifest themselves. Why relegate the body to a lower status, deprived of any semantic or communicational significance? Might not movement be closer to freedom? *The Reverse of Words* is nature and the sequence of movement. The other side of words: not what the words are hiding behind them, but the instant when they are no longer present to give way to expression.



"(...) **N**a estética e no pensamento *queer* leio o novo, a margem, a transgressão. Leio o espaço onde eu sempre quis estar". *Miguel Moreira*

O corpo e os seus ícones. Esta é a questão central de *Regina - The Ritual Wedding*. Um trabalho que pisa territórios de um ritual enraizado e que convoca o público para uma experiência nova, apelando ao interdito e a uma proximidade entre íntimos. A casa, antes do casamento. Depois, o encontro entre os noivos, entre Regina Fiz e Miguel Moreira. A mobília-escultura de Cassiano Branco - arquiteto modernista português -, ao estilo Art Déco, e outros símbolos da cultura portuguesa como o vestido, o véu, o ramo, a ourivesaria popular tradicional. Uma simbologia que reside no imaginário coletivo. Que nos diz respeito. Que nos associa com o momento. *Regina* é também um outro discurso: a transformação e o pensamento *queer* associados a uma ideia de uma sociedade livre. O espaço do corpo e da liberdade em uníssono. Uma peça que é resultado e processo. Resultado de uma experiência de vida - a de Regina Fiz - e de um processo de luta contra as normas sociais e políticas segregadoras. Um processo que questiona a identidade. Quem sou eu? Que relação existe entre mim e o meu corpo? Neste sentido, a obra levanta questões, rompe com a ordem.



Regina é um discurso crítico do pós-modernismo que destabiliza a imagem do hegemónico, da estabilidade, da heterossexualidade. Um discurso que abre espaço a subjetividades outras. É Regina que transporta Miguel nos seus braços e o deita - uma inversão clara da figura do noivo que transporta a sua noiva para o leito nupcial. A rejeição de uma visão totalizadora e essencialista da linearidade dos comportamentos. Uma nova cultura do sexo que implica a recodificação da experiência. Há outros corpos que tocam o corpo de Miguel, não só o de Regina. Femininos e masculinos. Ambos lambem o corpo nu e deitado, coberto do que parece ser chocolate e que abre espaço à equivalência de todos os corpos sujeitos. O vazio

REGINA - THE RITUAL WEDDING

ÚTERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

QUARTA 20 | 22H00
SEXTA 22 E SÁBADO 23 | 24H00
CAAA - CENTRO PARA OS ASSUNTOS DA ARTE E ARQUITETURA

ontológico da identidade e das suas políticas. Em *Regina - The Ritual Wedding* a masculinidade possui em si mesma a feminilidade. O discurso da sociedade contra-sexual e das estruturas de poder alternativas. Proliferam corpos, vontades, deleites e gramáticas de intimidade. Uma linguagem de teor pós-pornográfico que põe em causa a validade do "género". Uma multiplicidade de corpos que combatem a construção instituída de "normalidade" e "anormalidade". O que reconheço de mim aqui e agora? Esta proximidade necessária faz com que a peça tenha sido pensada para ser apresentada a um grupo reduzido de pessoas, não mais de cinquenta. Ganha-se universalidade sem que se perca o intimismo.

"(...) In queer aesthetics and thought, I read the new, the edge, the transgression. I read the place I have always wanted to be." *Miguel Moreira*
The body and its icons - this is the core question of *Regina - The Ritual Wedding*, a work which embarks upon the territory of a deeply-rooted ritual and which offers the audience a new experience, appealing to the forbidden and the closeness amongst intimates. We have the house, before the wedding. Next comes the meeting of the bride and groom, of Regina Fiz and Miguel Moreira. We have the sculptural furniture of Cassiano Branco, the Portuguese modernist architect and the Art Deco style, as well as other symbols of Portuguese culture, such as the traditional styles of the dress, the veil, the bouquet and the gold jewelry. The symbology resides in the collective imagination. It is what is ours, what connects us to the moment.



O NOVO, A MARGEM, A TRANSGRESSÃO THE NEW, THE EDGE, THE TRANSGRESSION

Regina is also another type of discourse: queer transformation and thought associated to an idea of a free society. It is the space of the body and the free space in unison, a piece which is the result of a process, the result of someone's life experience (that of Regina Fiz) and the struggle against social and political norms which cause segregation. It is a process which questions identity. Who am I? What relationship is there between

Direção **Miguel Moreira / Útero**
Cocriação **Regina Fiz** | Com **Regina Fiz e Miguel Moreira** | Pianista **Joana Gama**
Assistente de direção **Catarina Félix**
Guarda-Roupa **Teresa Louro**
Fotografias **Inês d'Orey** | Grafismo **Sofia Pimentão** | Filme **David Fernández e Gerard Gil** | Peça estreada em 2010 no Espaço Land, com o apoio da **Direção Geral das Artes / Ministério da Cultura**
Apoio Centro Cultural Vila Flor / Guimarães | Agradecimentos **Centro Cultural Vila Flor / Guimarães, CAAA, Marta Oliveres, Manuela Marques, Tomé Simão, Sandra Rosado e Romeu Runa**

Duração 45 min. aprox. s/intervalo
Maiores de 16 anos

myself and my body? The work raises questions about these points and breaks with order. *Regina* is a post-modernist critical discourse which destabilizes the image of hegemony, stability and heterosexuality, a discourse which opens up a space for the subjectivity of others. It is Regina who carries Miguel over the threshold and lays him down - in a clear inversion of the figure of the husband who takes his bride off to the wedding bed. This is a rejection of an all-encompassing and core-essence-minded linearity of behaviors, a new culture of sex which implies the recodification of experiences. There are other bodies which touch Miguel's body, not just Regina's, and both women's and men's. They all lick at the naked, reclining body which seems to be covered in chocolate, thus opening up the space for an equivalency of all bodies. The ontological emptiness of identity and its politics. In *Regina - The Ritual Wedding*, masculinity possesses a type of femininity. We have the discourse of the counter-sexual society and the structures of alternative powers. Bodies abound, as well as desires, delights, and the grammar of intimacy. Post-pornographic language questions the validity of "gender." A multiplicity of bodies fights for the construction of "normality" and "abnormality." What do I recognize of myself here and now? This necessary closeness to the performance means that the show will be limited to a small audience, of no more than 50, and in so doing, universality is gained without any loss of intimacy.



A CIDADE

OLGA RORIZ

QUINTA 21 | 22H00 | GRANDE AUDITÓRIO DO CCV

O DESENCONTRO DE UM ESPAÇO PARTILHADO
THE MISSED ENCOUNTER IN A SHARED SPACE

O que nos atormenta na cidade? Que espaço é o nosso que se perde na confluência entre o efêmero de um encontro adiado pela urgência e o tempo que se gasta entre paredes fragmentadas pelo nosso próprio alheamento? Que desencontro cabe num espaço partilhado de vivências?

Em *A Cidade*, Olga Roriz oferece-nos a atmosfera de pressão, contaminação, alienação e desgaste que as cidades causam no ser humano e onde liberdade, perigo, solidão... são palavras de um léxico repetitivo que a coreografia traz à rotina. Uma atmosfera de nevoeiro, de ar poluído que nos sufoca. Uma metáfora que convida a reflexão ou, no mínimo, evidencia uma sociedade que vive uma era do vazio, ilusória e efêmera. O consumismo, a boémia e a ilusão. A riqueza, o bem-estar económico. Uma sociedade hedonista que aspira ao lazer - esse tempo livre que se mistura com ócio -, mas que vive asfixiada num rebuliço frenético, mundano e deprimente, acumulando défices de atenção que resultam da indiferença perante o outro. Hoje, vivemos de costas voltadas, ensimesmados. Construímos independência e individualidade por oposição a uma herança histórica e a uma cultura exterior. Desagregam-se os enquadramentos coletivos.

A Cidade inicia-se com uma lista de palavras de carga negativa, desvelada em voz-off: conflitos, guerra, cataclismos. São temas que nos convocam para um universo familiar, reconhecível e angustiante, e que pretendem constituir-se como matéria de reflexão. Não se apresentam como um apontar de dedo, antes conferem ao espectador liberdade para a construção de significado, para a elaboração da mensagem. Em palco, quatro bailarinos desmultiplicam-se em diversas personagens, ao som de músicas como as de Melody Gardot ou Nick Cave, num espetáculo fragmentado que é também capaz de produzir cenários inusitados, difíceis de reproduzir na vida das cidades. É neste contraponto que assenta uma componente onírica que se opõe à reificação do quotidiano. É este o espaço para se “respirar”, para mundos imaginados, ainda que temporários e difusos. *A Cidade* é também um lugar de discussão que se abre ao improviso. Um paradoxo entre a consciência de estarmos prisioneiros e a possibilidade de nos libertarmos.

Da crescente profusão de *personas* não resultam relações, antes observações. Passagem, apenas passagem. A cada travessia da cidade, aumenta o risco de apenas queremos passar para o outro lado. Apenas atravessar a estrada, caminhando assimtoticamente. Esta é uma peça marcadamente individualista. As pessoas não se cruzam, não interagem. Elas existem para si e acabam por não ser ninguém. Acabam cada vez mais sós, mais anónimas.

A Cidade é um território que chama outras cidades, que nos oferece representações próprias e originais de uma realidade que é sedimento. Há cidades dentro da cidade e cada uma delas poderia ser uma ilha.

What torments us in the city? What kind of space of ours is this, which gets lost in the blending of the fleeting encounter delayed by something urgent with time spent within the fragmented walls of our own estrangement? What kind of missed encounter might fit within a space of shared experiences?

which might possibly produce rare scenes quite difficult to see in cities. In this counterpoint a dreamlike aspect is built up, in opposition to how one makes daily life concrete. This is the “breathing space” for worlds of the imagination, be they temporary or diffuse. *The City* is also a place for discussion, which opens itself



In *The City*, Olga Roriz offers us the atmosphere of the pressure, contamination, alienation, and waste which cities can cause people to feel and where freedom, danger, loneliness...these are words from a repetitive lexicon which choreography makes routine. An environment covered in fog, or the air pollution which suffocates us - these are the metaphors which invite reflection or, at the very least, bear witness to a society which lives in the era of emptiness, illusion, and ephemera. Consumerism, bohemianism and illusion. Wealth and economic well-being. A hedonistic society which aspires to leisure - free time which mixes with idleness - yet one which lives in near asphyxiation in a hectic, mundane and depressing rat race, where the only thing that gains ground is the attention deficit stemming from our indifference to our neighbor. These days, we live with blinders on, oblivious. We have elevated the notion of independence and individuality, but at the cost of our historical inheritance and outward-looking culture. The collective framework is falling apart. *The City* begins with a list of negatively-charged words: conflict, war, cataclysm. These are themes which take us to a universe that is familiar, recognizable, and sorrowful, one which will become the basis for our reflection. No one will be pointing a finger to call attention to these things; instead, the audience will be free to build its own meaning and to elaborate on the message. On stage, four dancers will unveil a variety of characters (to the sounds of Melody Gardot or Nick Cave) in a fragmented performance

up for improvisation. It is a paradox of the awareness that we are prisoners and the possibility to set ourselves free. Relationships are not the result of the growing profusion of *personas*; instead, they yield observations. This is passage, merely passage. With each crossing of the city, there is a greater risk of our only wanting just to get across town. In just wanting to cross the street, we step out asymptotically. This is a markedly individualistic piece. People do not bump into each other; they do not interact. They exist only for themselves and end up not being anyone or anything special. They end up more and more alone, more and more anonymous. *The City* is a territory which harkens to other cities, which offers us unique and original representations of a reality which is sediment. There are cities within the city, and each one of them might well be an island.

Direção **Olga Roriz** | Intérpretes **Catarina Câmara, Maria Cerveira, Bruno Alexandre, Pedro Santiago Cal** | Seleção musical e figurinos **Olga Roriz** | Músicas **Korke, Henry Torgue, Max Richter, Romica Puceanu, John Zorm, Autechre, Ali Hassan Kuban, Zoe Keating, Kut Killer** | Cenário **Pedro Santiago Cal** | Desenho de luz **Cristina Piedade** | Produção áudio **João Raposo** | Técnico de Som **Sérgio Milhano** | Técnico de Luz **Daniel Verdades** | Assistente de cenografia e figurinos **Maria Ribeiro** | Gestão e Direção de Produção **Fernando Pêra** | Secretariado e Produção **Teresa Brito**

Duração 90 min. s/ intervalo
Maiores de 12 anos

Que corpo é o meu? Que identidades transporto em mim para além da minha própria de que não tenho memória? Quatro mulheres em palco partilham o mesmo corpo, sucedendo-se a partir de transições subtis que introduzem novas histórias, ou partes distintas da mesma história. Todas elas personificadas por Kaori Ito a partir de uma conceção assente em fantasia, espiritualidade e xintoísmo. Retomam-se os temas da memória, do esquecimento e da identidade explorados em *Island of no Memories*.

Which body is mine? What identities might I carry within me, besides my own, which I might not have memory of? Four women on stage share the same body; later, subtle transitions occur which bring new stories to the fore, or separate parts of the same story. All of these are brought to life by Kaori Ito whose concept is founded in fantasy, spirituality, and Shintoism. Taken up again are the themes of memory, forgetting, and identity as explored in the piece *Island of No Memories*.

SOLOS

KAORI ITO

SEXTA 22 | 22H00 | PEQUENO AUDITÓRIO DO CCVF

No início, o equilíbrio. Movimentos lentos, pausados, escondem uma inquietação que só o caminho filosófico poderá mitigar. Numa mão, um espelho desprovido de vidro, por nada haver para refletir. No corpo, uma acentuada carga animista. Quem sou eu? Uma resposta que tarda em aparecer e que impele a bailarina para uma procura incessante, quase obsessiva, na tentativa de perceber o seu tempo e espaço. Há movimentos que tentam perscrutar o corpo, mas que parecem rejeitá-lo ao mesmo tempo. Há uma constante tentativa de mapeamento, de identificação, de procura de algo que transporte uma marca clara, inequívoca. Existirá? Se sim, dentro ou fora do corpo? Que movimento é este que estranhamente se perde numa fisionomia ambígua que convida a novas configurações e experiências percetivas? Não existe uma unidade visível. Cada parte do corpo parece querer autonomizar-se e, ao mesmo tempo, procura um lugar onde se reconheça, saindo da luz para o espaço das sombras, voltando à luz, repetindo a sequência. Num pano branco, projetam-se várias silhuetas, humanóides e humanas, em pequenos espaços quadrados e retangulares que formam a estrutura de um prédio visível do exterior. Suspensa por cordas, uma mulher vai subindo a parede do prédio, à procura de um espaço vazio. À procura do seu lugar. Sem sucesso, vai subindo em direção ao céu, ao vazio, ao nada. Uma outra mulher, de vestido negro, vagueia no escuro. Um ponto de luz atravessa o seu caminho. A luz escapa-se-lhe. Ela tenta levá-la ao rosto, tenta absorvê-la. A luz começa a iluminar cada uma das partes do seu corpo, de forma fragmen-

At the beginning, there is equilibrium – slow movements and pauses which hide the anxiousness that only a more philosophical perspective can ease. In the hand, there is a mirror without a glass since there is nothing to reflect. In the body, there is an accentuated feeling of animism. Who am I? The answer is taking its time in coming, and it impels the dancer to search non-stop, in an almost obsessive manner, to endeavor to understand her time and space. There are movements which attempt to minutely examine the body but which seem to reject the body at the same time. There is constant striving for mapping, identification and searching for something which transmits a clear and unequivocal mark. Might such a thing exist? If so, is it inside or outside the body? What movement is this which gets lost so strangely in the ambiguous physiology that invites us to new configurations and perceptive experiences? There is no such thing as a visible unit. Each part of the body seems to strive for autonomy and at the same time seeks out a place where it might recognize itself, fleeing the light for the refuge of the shadow then returning to the light to repeat the sequence. Against a blank backdrop, various human or humanlike silhouettes are projected in small square and rectangular spaces that make up the structure of a building visible from

QUEM SOU EU, SE O MEU CORPO
NÃO ME PERTENCE?
WHO AM I IF MY BODY DOES NOT
BELONG TO ME?

tada. Os braços, as pernas, o tronco, o ventre. Três pontos separados entre si. Cada um deles ilumina partes do corpo, mas não o corpo inteiro. Uma palma da mão iluminada, outra palma da mão iluminada, e entre elas a escuridão. Partes do mesmo corpo que são partes de corpos distintos que nenhum ponto de luz consegue reunir. Uma incessante procura seguida de exaustão. A respiração ofegante, o desfalecimento. Há objetos que percorrem o corpo. Há o espelho e a mão pelo rosto. Um espelho que nada reflete, pois a identidade é difusa, intangível. Que corpo é este que não me serve? Que movimento é este que pareço não poder controlar? *Solos* é um exercício sublime de expressão corporal, de luz e formas, e uma metáfora dos tempos modernos: quem sou eu, se o meu corpo não me pertence?



© Direitos Reservados



© Direitos Reservados

the outside. Suspended by ropes, a woman scales the building walls in search of an empty space. She is looking for a place of her own. She is unsuccessful in her task and keeps going up, toward the heavens, toward the emptiness, toward the nothingness. Another woman dressed in black wanders about in the darkness. A point of light comes across her path. The light does not strike her. She tries to bring it to her face, to absorb it. The light shines on individual parts of her body in a fragmented way. The arms, the legs, the midsection, the stomach. Three individual points shine. Each one illuminates parts of the body but not the entire body. One palm of the hand is illuminated, and then the other palm of the hand is illuminated, and between them is darkness. These are parts of the same body, which are parts of different bodies that no spotlight can reunite. A ceaseless searching followed by exhaustion. Panting. Blackout. There are objects which travel as if floating over the body. There is the mirror and the hand for the face, a mirror which reflects nothing since identity is diffuse and intangible. What type of body is this which in the end does me no good? What type of movement is this that does nothing for me? What movement is this which I can't seem to control? *Solos* is a sublime exercise of bodily expression, light and form. It is a metaphor for modern times: who am I if my body does not belong to me?

Coreografia **Kaori Ito** | Interpretação **Kaori Ito**
Música **Guillaume Perret** | Desenho de Luz **Christophe Grelé** | Cenografia e Figurinos **Kaori Ito** | Responsável de som **Louise Gibaud** | Produção **Bureau FormArt** | Difusão **ART HAPPENS**
Coprodução **Le Merlan, scène nationale de Marseille, Red Brick House, Japon, Atelier de Paris - Carolyn Carlson** | Com o apoio de **Ménagerie de verre com Studiolab** | Criação **2009-2010 Red Brick House au Japon, Le Merlan, scène nationale de Marseille, ProArt Festival, Prague, June Events - Atelier de Paris-Carolyn Carson, Julidans Festival, Amsterdam, Festival Escapades, Condom**

Duração 45 min. s/intervalo
Maiores de 12 anos

Há obras excecionais, aclamadas pelo público e pela crítica, que temos oportunidade de ver uma vez na vida. Há quem, por variados motivos, não consiga essa oportunidade. Há obras que habitam a nossa geografia, que estão mais próximas. Há obras que nascem num contexto especial que as torna especiais. Há obras que regressam, por tudo o atrás dito.

Em 2012, ano em que todas as atenções se voltam para a cidade capital da cultura, *A Ballet Story*, do vimaranense Victor Hugo Pontes, obtém duas importantes distinções a nível nacional: melhor espetáculo de dança de 2012 (Jornal Expresso) e espetáculo de dança do ano (Jornal Público). O ponto de partida é o bailado *Zephyrtine*, de David Chesky, um *ballet* clássico para crianças que se alimenta de fadas, do maravilhoso e do fantástico. Uma narrativa que Victor Hugo Pontes não pretende reproduzir, antes enveredando por um exercício de abstração não linear que se sustenta no movimento dos corpos no espaço e no diálogo com a obra musical. Um espaço que se pretende dinâmico, de construção e de (re)interpretação. Uma voz própria que resulta de um processo de interações e intermutabilidades: “não sei se a história se ajusta à música ou se a dança se ajusta à história”, diz Victor Hugo Pontes.

O cenário é impactante, com uma morfologia que apela ao movimento (a estrutura cénica é uma plataforma ondulada, criando movimento dentro do movimento) e que parece transportar a ação para um tempo e espaço suspensos, desligados da realidade. Em palco, sete bailarinos interpretam uma coreografia de grande impacto visual, onde a cor e a forma desenham ora uma massa informe e indeterminada, que vagueia e se molda em gestos de rara beleza plástica, ora uma trama com alusões ao bailado, à dança contemporânea e à *street dance*. É a partir deste elemento que o espectador constrói uma nova história e a partir dos quais múltiplas são criadas. E não sabemos que partes se podem conectar, encontrando, também no palco, alusões a infindáveis oportunidades de configuração.

A Ballet Story é uma peça complexa e original, um exercício que introduz novos elementos de interpretação a partir da recombinação entre história, música e dança. Um quadro artístico exigente feito de momentos de grande vigor, de apurado sentido estético e, sobretudo, de uma originalidade assinalável.

O DIALOGISMO SUSPENSO NO
MOVIMENTO DOS CORPOS
DIALOGUING SUSPENDED IN THE
MOVEMENT OF THE BODY



There are exceptional works, ones receiving broad acclaim from audiences and critics, which we might be lucky enough to see once in a lifetime. There are people, who for whatever reason, are unable to grasp this unique opportunity. There are works that reside within our geographical sphere and thus are closer to us. There are works which are born within a unique context, making them even more special. There are works which take us back and through all that was said before.

In 2012, a year in which all sights were focused on Guimarães during the European Capital of Culture, *A Ballet Story*, the brainchild of Guimarães native Victor Hugo Pontes, received two important distinctions on the national level: Best Dance Performance of 2012 as awarded by the newspaper *Expresso*, and Best Dance Show of the Year, awarded by the newspaper, *Público*. The stepping off point was the David Chesky ballet *Zephyrtine*, a classical ballet for children full of fairies, marvels and fantastic things. Yet this is a narrative which Victor Hugo Pontes does not wish to reproduce, instead opting for the non-linear path of abstraction which is based on the movement of bodies in space and the dialog with a piece of music. This is a space which strives to be dynamic, one of construction and (re)interpretation, a voice which is its own, resulting from a process of interactions and intermutabilities, with Victor Hugo Pontes saying “I do not know if the story adjusts to the music or if the dance adjusts to the story.” The scenery in itself has quite an impact, with shapes which appeal to movement (the structure is a wavelike platform which creates movement within movement) and seem to transport the action to a time and space that is suspended and disconnected from reality. On stage, seven dancers perform choreography created with an eye for great visual impact where color and shape at first glance assume form as an indeterminate mass which wanders about and molds itself in gestures of rare beauty, then at the next moment become a framework of allusions to ballet, contemporary dance and street dance. From such elements, the audience can construct a new story, and from these many elements in play, a variety of stories can be created. We cannot know which parts might become connected or not, or which ones might find allusions and endless opportunities for reshaping, as only the stage will tell. *A Ballet Story* is a complex and original piece, an exercise which introduces new interpretive elements from the recombination of story-telling, music and dance. It is a demanding artistic framework made of moments full of great energy, a keen aesthetic sensitivity and above all, undeniable originality.

VICTOR HUGO PONTES

SÁBADO 23 | 22H00 | GRANDE AUDITÓRIO DO CCVF

BALLET STORY

Direção artística **Victor Hugo Pontes** | Música **David Chesky** | Versão musical **Fundação Orquestra Estúdio, sob a direção do Maestro Rui Massena** | Cenografia **F. Ribeiro** | Direção técnica e Desenho de luz **Wilma Moutinho** | Intérpretes e cocriadores **André Mendes, Elisabete Magalhães, João Dias, Joana Castro, Ricardo Pereira, Valter Fernandes e Vítor Kpez** | Figurinos **Victor Hugo Pontes** | Registo vídeo **Eva Ângelo** | Registo fotográfico **Susana Neves** | Produtora Executiva **Joana Ventura** | Coprodução **Nome Próprio/ Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura** | Apoios **Ao Cabo Teatro, Ginásiano Escola de Dança e Lugar Instável** | Apoio à internacionalização **Direção Geral das Artes** | Agradecimentos **Madalena Alfaia e Vera Santos**

Duração 70 min. aprox. s/intervalo
Maiores de 12 anos



ATIVIDADES PARA

TERÇA 12 | 17H00-20H30

ENSAIO ABERTO "PROXIMITY" E WORKSHOP COM A AUSTRALIAN DANCE THEATRE

GRANDE AUDITÓRIO E SALA DE ENSAIOS
DO CCVF

No dia anterior à apresentação do espectáculo “Proximity”, a Australian Dance Theatre irá realizar um ensaio aberto seguido de um workshop destinado a profissionais e alunos de dança nível avançado. O workshop será dirigido por Elisabeth Old, assistente da direção artística da Australian Dance Theatre, e pelos bailarinos da companhia. Uma oportunidade única de troca de experiências e de contacto direto com uma das mais importantes e relevantes companhias mundiais de dança contemporânea.

Before presenting "Proximity" at GUIDance, the Australian Dance Theatre will hold an open rehearsal and will conduct a workshop directed at upper-level students of dance. The workshop will be led by Elisabeth Old, Assistant Artistic Director of the Australian Dance Theatre and the dancers of the company. This will undoubtedly be a unique opportunity to share experience and have direct contact with one of the most prominent contemporary dance companies in the world.

Público-alvo **profissionais e alunos de dança nível avançado**
Formadores **Elisabeth Old e Bailarinos da Australian Dance Theatre**
Nº máximo de participantes **15**
Data limite de inscrição **08 de fevereiro**
Preço **5 euros**

As inscrições poderão ser efetuadas no Centro Cultural Vila Flor, na Plataforma das Artes e da Criatividade ou no site www.ccvf.pt através do preenchimento da ficha de inscrição disponível online.
As inscrições só serão consideradas válidas após realizado o pagamento, até ao limite dos lugares disponíveis. O pagamento poderá ser efetuado em numerário ou através de cheque à ordem d' "A Oficina, CIPRL" no Centro Cultural Vila Flor ou na Plataforma das Artes e da Criatividade, ou ainda através de referência multibanco.

DURANTE O FESTIVAL

EMBAIXADORES DA DANÇA

ESCOLAS SECUNDÁRIAS DO CONCELHO
DE GUIMARÃES

Durante o GUIDance amamos ainda mais a dança! Acompanhados por alguns dos coreógrafos que integram a edição deste ano, visitaremos as escolas secundárias do concelho. Os jovens poderão saber mais sobre o percurso dos nossos convidados: descobrir o que os levou a trabalhar na área da dança, como se tornaram coreógrafos e como encaram hoje uma vida dedicada à criação artística.

During the GUIDance we love to dance even more! Accompanied by some of the choreographers that comprise this year's edition, we will visit the county's secondary schools. Young people will learn more about the course of our guests: find out what made them work in the field of dance, how they became choreographers and how they face a life dedicated to artistic creation in these days.

LELAS

GUIDance - Festival Internacional de Dança Contemporânea 2013

A Oficina
Presidente da Direção
Francisca Abreu
Direção
José Bastos
Assistente de Direção
Anabela Portilha
Assistente de Programação
Rui Torrinha
Serviço Educativo
Elisabete Paiva (coordenadora)
Lara Soares
Sandra Barros
Direção de Produção
Tiago Andrade
Produção Executiva
Paulo Covas
Ricardo Freitas
Assistência de Produção
Andreia Abreu
Andreia Novais
Carlos Rego
Hugo Dias
Pedro Silva
Sérgio Castro
Sofia Leite
Susana Pinheiro
Direção Técnica
José Patacão
Assistente de Direção Técnica
Carlos Ribeiro
Direção de Cena
Helena Ribeiro
Luz/Maquinaria
Eliseu Morais
Ricardo Santos
Som/Audiovisuais
Pedro Lima (coordenador)
Audiovisuais
Emanuel Valpaços
Sérgio Sá
Direção de Instalações
Luís Antero Silva
Apoio e Manutenção
Alexandrina Novais
Amélia Pereira
Anabela Novais
Conceição Leite
Conceição Martins
Conceição Oliveira
Fátima Faria
Jacinto Cunha
Joaquim Mendes
José Gonçalves
Júlia Oliveira

Comunicação e Marketing
Marta Ferreira
Bruno Barreto
Design interno
Susana Sousa
Direção Administrativa
Sérgio Sousa
Financeiro, Contabilidade e Aprovisionamento
Helena Pereira de Castro (coordenadora)
Ana Carneiro
Liliana Pina
Carla Inácio
Serviço Administrativo
Marta Miranda
Marisa Silva
Fernanda Pereira
Paula Machado
Patrícia Peixoto
Rui Salazar
Susana Costa
Atendimento ao Público
Ana Pacheco
Cláudia Fontes
Isabel Freitas
Jacinta Correia
Sandra Moura
Informática
Bruno Oliveira
Textos dos Espetáculos
Paulo Pinto
Tradução
Scott M. Culp
Design Gráfico
Atelier Martino&Jaña

WWW.CCVF.PT

Av. Dr. Afonso Henriques, 701 • 4810-433 Guimarães
telefone • 253 424 700 | email • geral@ccvf.pt

Organização



Câmara Municipal de Guimarães



Cofinanciamento



Apelos



Prática Oficial da Oficina /
Centro Cultural Vila Flor



Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional

Projeto Europeu
de Desenvolvimento Regional